

Cadernos de estágio

Estágio Supervisionado em Gestão e Coordenação Pedagógica: reflexões sobre a atuação do coordenador pedagógico

Marla de Medeiros Moura ¹

Ana Carla da Silva Santos

Maykon Galdino do Nascimento

Informações

1 marlamouramedeiros0@gmail.com

Como citar este texto

MOURA, Marla de Medeiros; SANTOS, Ana Carla da Silva; NASCIMENTO, Maykon Galdino do. Estágio Supervisionado em Gestão e Coordenação Pedagógica: reflexões sobre a atuação do coordenador pedagógico. Cadernos de Estágio, v. 8, n. 1, 2026. DOI: [10.21680/2763-6488.2026v8n1ID43264](https://doi.org/10.21680/2763-6488.2026v8n1ID43264).



O Estágio Obrigatório foi realizado em uma escola de aplicação vinculada a uma Universidade Pública Federal, no âmbito da disciplina de Estágio em Gestão e Coordenação Pedagógica do curso de Licenciatura em Pedagogia. O estágio ocorreu no segundo semestre letivo de 2025.2, durante o 6º período do curso.

É importante destacar que, neste relato de experiência, houve a colaboração das coordenações de ensino, cuja atuação foi fundamental para o desenvolvimento das atividades propostas, tanto no turno matutino quanto no vespertino. Essa parceria foi necessária porque uma integrante do grupo não pôde realizar o estágio no período da manhã, situação previamente dialogada com o orientador da disciplina.

O Estágio Supervisionado na Coordenação de Ensino teve carga horária total de 40 horas, distribuídas entre observações, participação ativa e execução de um projeto de intervenção. O projeto foi planejado coletivamente pelos integrantes do grupo, com a participação das supervisoras, e contou com momentos de diálogo para definição da proposta. Todos os integrantes participaram ativamente de todas as etapas do processo. O tema escolhido para a intervenção foi “Tipos de violência e estratégias para resolução de conflitos”. Para isso, foram elaborados materiais específicos para aplicação nas turmas do Ensino Fundamental I, contemplando diferentes anos e turnos.

A escola de aplicação se destaca pela

qualidade do ensino e pela valorização da participação e da autonomia das crianças, o que tornou a dinâmica proposta mais significativa. Os conteúdos trabalhados durante a intervenção foram abordados de forma interdisciplinar, envolvendo Língua Portuguesa, Artes e questões sociais.

Como afirma Moura (2003):

A formação do professor ao construir o projeto da escola passa pela construção de uma linguagem comum, movida por um objetivo de construir significativamente o conjunto de saberes que o projeto pretende desenvolver para a formação de seus alunos. (...) As nossas premissas sobre a formação do professor são que, ao interagir com outros sujeitos, ao ter que organizar suas ações pedagógicas, ele vai adquirindo novas qualidades que nos permitem afirmar que há um movimento na sua formação que vai de um ponto de menor qualidade a outro de maior qualidade no que poderíamos chamar de escala de formação. (...) O projeto é o elemento mobilizador. É ele que harmoniza o conjunto de ações dos indivíduos com a necessidade do coletivo numa comunidade escolar (Moura, 2003, p. 140-144).

Uma comunidade educativa é um modelo organizacional que visa incentivar o relacionamento entre seus participantes. Nesses relacionamentos, compartilham-se crenças, conhecimentos, metas e métodos de ensino. Isso facilita o estabelecimento de uma comunicação entre os indivíduos, por meio da conversa e do intercâmbio de pensamentos. A comunidade de aprendizado prioriza o engajamento dinâmico, o estudo em grupo e a colaboração profissional. Ela se opõe a abordagens que priorizam exclusivamente a individualidade, tem como objetivo criar um espaço onde os indivídu-

os colaborem, distribuam informações e ofereçam suporte uns aos outros.

A gestão na escola de aplicação se caracteriza justamente por esse respeito mútuo entre professores, coordenadores e direção, tornando o ambiente escolar um espaço de trabalho mais acolhedor e colaborativo. Fomos muito bem recebidos durante nossa permanência no estágio e pudemos aprender, de forma mais profunda, sobre a função de um coordenador de ensino. Como sintetizado por Pires (2005):

A função primeira do coordenador pedagógico é planejar e acompanhar a execução de todo o processo didático-pedagógico da instituição, tarefa de importância primordial e de inegável responsabilidade e que encerra todas as possibilidades como também os limites da atuação desse profissional. Quanto mais esse profissional se voltar para as ações que justificam e configuram a sua especificidade, maior também será o seu espaço de atuação. Em contrapartida, o distanciamento dessas atribuições seja por qual motivo for, irá aumentar a discordância e desconhecimento quanto às suas funções e ao seu papel na instituição escolar (Pires, 2005, p. 182).

Levando em conta que o coordenador pedagógico desempenha não só um papel de mediador, mas principalmente o de articulador, direcionando as ações e definindo o trabalho da instituição de ensino, tanto em questões administrativas quanto pedagógicas. E que, ao planejar suas ações, pratica uma consciência ética e política, e estabelece as abordagens que orientarão a docência. Nesse contexto de pluralidade, as coordenadoras pedagógicas do colégio exercem um papel fundamental, interme-

diando a interação entre professores, direção e toda a equipe da comunidade escolar.

Destaca-se, assim, a importância de o coordenador ter o olhar atento para a criança, reconhecendo suas singularidades e necessidades. Além disso, também é essencial o olhar para o educador e para as relações que se entrelaçam no dia a dia. Percebemos o trabalho da coordenação muito além disso, quando colocamos o pé na escola, observamos o movimento diário nos corredores e acompanhamos as interações das crianças e professores, oferecendo apoio e, frequentemente, atuando como intermediária entre os espaços.

Durante o período do estágio, o grupo acompanhou e observou as decisões e estratégias que a coordenação escolhia para a solução dos problemas que surgiam, assim como a preocupação e cuidado com os profissionais da instituição, procurando saber quais eram as condições de trabalho, se estavam precisando de ajuda com algo. Ou seja, a coordenação oferecia suporte e estava preparada para resolver situações dentro da escola. Todos os dias, no início das aulas, acompanhamos passo a passo da coordenação, caminhando em direção a cada uma das salas, as supervisoras conheciam o nome de cada uma das crianças, interagiam com elas e eram correspondidas pelos pequenos.

Isso nos permitiu observar as inúmeras demandas que surgiam referentes a

conflitos entre as crianças. Em apenas uma manhã, recebemos sete situações que envolviam o contato físico entre os pequenos, todas tendo a violência como resultado. Diante disso, notamos que seria necessário um olhar mais atento para essas questões e elaboramos, junto com as supervisoras, estratégias para solucionar ou diminuir os episódios de violência na escola. Contudo, encontrar meios para conversar com as crianças sobre violência pareceu uma tarefa desafiadora. Por isso, buscamos os profissionais da instituição, que nos orientaram, em reunião presencial, sobre maneiras de abordar esse tema com as crianças. Estávamos com as ideias e estratégias, mas ainda faltava organizar o planejamento.

4

Nos dias que antecederam a aplicação da atividade de intervenção, aproveitamos para acompanhar as crianças e observar as professoras. Assim, conseguimos finalizar todo o planejamento e seguimos a intervenção, organizada em alguns passos. Inicialmente, foi necessário um olhar para “as perspectivas participativas, sendo interativas, abertas e intuitivas, permitem ilustrar as singularidades mais significativas dos cotidianos da infância, com profundidade, riqueza e realismo e análise” (Chamber, 1994, apud, Soares; Sarmento; Tomás, 2005). Neste sentido, foi possível observar mais de perto as dificuldades que as professoras e os professores da instituição estavam enfrentando em relação aos conflitos entre as crianças. Por isso,

pensou-se na intervenção sobre os tipos de violência ocorridos na escola.

A intervenção ocorreu em outubro de 2025, sendo aplicada em diferentes turmas do Ensino Fundamental I, nos turnos matutino e vespertino. Inicialmente, foram promovidas rodas de conversa, nas quais as crianças relataram situações de conflito vivenciadas no cotidiano escolar. Muitas crianças relataram situações cotidianas, como “pegar algum item sem pedir” ou “furar a fila”, entre outras situações semelhantes.

Em seguida, foi exibido o vídeo “Solo Respira”, de Salzman (2015), localizado no Youtube com menos de quatro minutos, que aborda estratégias de autorregulação emocional, como a respiração consciente. As crianças do vídeo representaram a mente com raiva como se fosse um pote com água e glitter que, ao ser chacoalhado, torna-se uma confusão, mas que, ao esperar um pouco, vai se acalmando, criando uma conexão entre esperar e respirar.

Posteriormente, realizou-se uma dinâmica com situações-problema retiradas de uma “caixa”, incentivando as crianças a refletirem sobre formas não violentas de resolução de conflitos. As crianças colocavam a mão, retiravam um papel e a situação seria lida em sala, com a mediação de algum adulto. Em seguida, elas precisavam pensar em maneiras de resolver o conflito, sem que a violência fosse uma opção. Esse momento gerou reflexões, nas quais as crianças

utilizaram palavras e ideias como “estratégias”, “ficar um pouco só” e “chamar algum adulto”, entre outras. Utilizamos, assim, a roda de conversa, a exibição de vídeo e a discussão de situações-problema, o que foi muito bem recebido pelas crianças e pelas professoras em sala de aula. O mesmo ocorreu com as turmas do 3º e 4º anos do turno vespertino.

No turno da tarde, a mesma abordagem metodológica foi retomada com as turmas, mantendo a apresentação inicial, o diálogo mediado e a dinâmica participativa. Dessa forma, a intervenção garantiu coerência entre os turnos e assegurou que todos os grupos participassem de maneira reflexiva e significativa.

5

A primeira intervenção aconteceu na turma do 3º ano, na qual tínhamos apenas 30 minutos para realizar a intervenção. Foi exibido um vídeo curto, de até 3 minutos, sobre como as crianças se sentiam ao sofrer algum tipo de violência. Após o vídeo, chamamos quatro crianças para retirar da caixa algumas situações-problema. De forma coletiva, a turma discutiu qual seria a melhor maneira de resolver cada situação, e a grande maioria concordou que chamar um adulto é muito importante. Já na turma do 4º ano, com o mesmo tempo disponível, realizamos a mesma proposta. Muitas crianças demonstraram interesse em responder e participar da dinâmica de retirar os papéis da caixa.

No 5º ano, com um tempo maior de 1 hora, foi possível dividir a turma em seis

grupos. Também foi exibido o mesmo vídeo “Solo Respira” e, em seguida, cada grupo retirou uma situação-problema da caixa. Depois disso, os grupos se reuniram para discutir como resolver a situação, registrando as respostas em cartolinas. Ao final da aula, todos os grupos apresentaram seus trabalhos e demonstraram grande interesse na atividade, pois tiveram a oportunidade de expressar o que já haviam aprendido em sala. Segundo a professora, eles já haviam estudado essa temática, o que tornou a dinâmica ainda mais enriquecedora.

A atividade foi muito bem recebida pelas crianças e professoras, as educadoras ficaram surpresas com as situações que levamos, pois muitas das situações selecionadas tinham acontecido a poucos dias, e foi através do olhar atento, observação participativa e diálogos com a equipe Multi e as supervisoras, que conseguimos pensar em situações reais do cotidiano das crianças. Ao final da intervenção, as professoras nos falaram sobre a importância de pensar e aplicar atividades como essa, que auxilia no trabalho das docentes.

Logo, fica a reflexão sobre a relevância do olhar da gestão para/com as crianças e, também, do olhar sensível para o educador, reconhecendo suas demandas, escutando suas inquietações e fortalecendo suas práticas. É nesse movimento de cuidado mútuo que a escola se faz presente e viva.

Referências

MOURA, Manoel Oriosvaldo. O educador matemático na coletividade de formação. In: Tiballi, Elianda A. e Chaves, Sandramara T. **Concepções e práticas em formação de professores**. Goiânia: Alternativa, Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

PIRES, Ennia Débora Passos Braga. **A prática do coordenador pedagógico** – limites e perspectivas. Dissertação, (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2005.

SALZMAN, Julie Bayer; SALZMAN, Josh. vídeo: **Solo Respira**. YouTube, 9 abr. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sTy9FhIvAro>. Acesso em: 4 dez. 2025.

SOARES, Natália Fernandes; SARMENTO, Manuel Jacinto e Tomás, Catarina Almeida (2005). Investigação da infância e crianças como investigadoras: metodologias participativas dos mundos sociais das crianças. **Nuances**. UNESP - Presidente Prudente, vol. 12, nº 13: 50-64.